

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Edilmara Kayt Silveira Fernandes¹

RESUMO

As desigualdades de gênero, presentes em nossa sociedade, são, conseqüentemente, reproduzidas no ambiente escolar impactando o cotidiano dos e das estudantes. As questões de gênero, compreendidas como construção social aprendidas e reproduzidas nos processos de socialização impactam de forma desigual a vida de meninas e meninos por de expectativas sociais do que é ser masculino ou feminino e na manutenção de estereótipos, desigualdades e violências de gênero. Este artigo objetivou captar as percepções de estudantes dos três anos/séries do ensino médio de uma escola pública e profissionalizante do interior do estado do Ceará sobre se o espaço da escola reproduz desigualdades e estereótipos de gênero ou se caminha para a equidade. A metodologia para a obtenção dos dados foi a aplicação de um questionário online disponibilizado na plataforma *google forms* com perguntas abertas, onde os/as estudantes pudessem escrever de forma livre sobre as questões propostas e perguntas de múltipla escolha, onde pudessem marcar níveis de igualdade/desigualdade de gênero no espaço escolar em diferentes aspectos. O questionário foi disponibilizado para as 12 turmas da escola durante o 4º período letivo do ano de 2024 para ser respondido voluntariamente. São apresentadas as percepções de 29 respondentes que trouxeram de forma crítica reflexões e implicações de como as desigualdades de gênero são reproduzidas na escola, apontaram também a importância do debate sobre o tema para a transformação social e para a formação de uma escola mais justa e acolhedora.

Palavras-chave: Gênero; Escola; Equidade; Desigualdades; Estereótipos.

1 INTRODUÇÃO

A escola, enquanto ambiente de socialização, não está fora da sociedade a qual está inserida. Dessa forma, ela reproduz padrões culturais e estereótipos arraigados no cotidiano de quem faz parte dela – estudantes, professores, gestores e demais funcionários. A sociedade na qual estamos inseridos é misógina, racista, elitista e excludente. A escola, por sua vez, inserida neste contexto também reproduz os estereótipos de gênero, sexualidade, raça e classe.

Esta pesquisa, ainda em fase inicial, procura captar as percepções de estudantes de ensino médio sobre o ambiente escolar, no que diz respeito à equidade de gênero em uma escola profissionalizante localizada no município de Massapê, no Ceará. Escola na qual estou lotada

¹ Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará- SEDUC/CE. Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Mestra em Sociologia (UECE). Email: edilmara.fernandes@prof.ce.gov.br



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

como professora de Sociologia. A fase exploratória da pesquisa, neste artigo apresentada, foi composta de aplicação de questionário online respondido de forma voluntária pelos estudantes da escola mencionada durante o 4º período letivo do ano de 2024. O questionário abordou questões sobre equidade de gênero no ambiente escolar e fora dele. O objetivo foi observar as percepções dos estudantes sobre equidade de gênero a partir de perguntas abertas, onde escrevessem livremente suas respostas e questões de múltipla escolha apresentando níveis diferentes de respostas.

A escola possui 12 turmas ao todo, sendo 4 turmas de 1º ano, 4 turmas de 2º ano e 4 turmas de 3º ano. Enquanto escola profissional, abriga 4 cursos técnicos, a saber: Administração, Desenvolvimento de Sistemas, Eletromecânica e Redes de Computadores. No ano de 2024 havia um total de 520 estudantes distribuídos em turmas de 45 alunos em média.

Dos 520 estudantes, apenas 29 responderam ao questionário. A baixa adesão deveu-se ao fato de os estudantes já estarem em fase de final de ano, preocupados com as notas finais ou pouco motivados por atividades extras, que não valeriam ponto para as médias finais. A maior parte dos estudantes já tinham somados pontos suficientes para passar de ano. Dessa forma, o questionário foi disponibilizado aos estudantes nas turmas online da plataforma *classroom*, que já não estava sendo muito utilizada desde o período da pandemia, quando essa plataforma substituía as atividades presenciais. Foi sugerido que os estudantes respondessem de forma voluntária. Devido ao período em que já se previa pouco engajamento por parte dos estudantes, esta fase da pesquisa foi apenas de caráter exploratório, com o intuito de ampliar a aplicação do questionário posteriormente.

Além desta introdução, o presente trabalho está estruturado com um referencial teórico fundamentando os principais conceitos abordados, sobretudo o conceito de gênero e suas implicações no ambiente escolar; a metodologia da pesquisa, os resultados e discussões e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de gênero aqui explorado compreende as dimensões políticas, sociais e culturais que o constroem ao longo do tempo, reforçando e reproduzindo papéis e expectativas sociais que reforçam estereótipos, preconceitos, exclusões e violências. De acordo com Simone



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

de Beauvoir “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 9). Dessa forma, o gênero é um construto social e cultural aprendido nos processos de socialização e reproduzido no cotidiano. Como construção social, é passível também de desconstrução ou de reconfigurações a partir do momento em que se percebe que os padrões de gênero estabelecidos dividem seres humanos em grupos com relações assimétricas de poder. Onde um gênero (o masculino) assume socialmente uma posição de poder e opressão sobre o gênero feminino, considerado o “outro”, a segunda categoria à serviço da primeira. Para a autora, essas desigualdades de gênero que moldam a identidade feminina e limita as mulheres à reprodução de papéis tradicionais que reprimem sua autonomia e identidade, precisam ser reformulados para a emancipação das mulheres e, conseqüentemente, a libertação também do masculino, já que “os dois sexos são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si. (...) Libertada a mulher, libertar-se-á também o homem da opressão que para ela forjou; e entre dois adversários enfrentando-se em sua pura liberdade, fácil será encontrar um acordo” (Beauvoir, 1967, p. 2).

Para Judith Butler, o gênero é considerado sempre como uma performance, no contato e presença do outro, quase que de forma não-consciente e involuntária no imprevisto das interações, ou seja, o gênero é feito, é produto das interações entre os indivíduos. Para a autora, “não ‘fazemos’ o gênero a sós. Estamos sempre ‘fazendo’ com e para alguém, mesmo quando esse outro é imaginário” (Butler, 2022, p. 11-12).

Discutir as questões de gênero no espaço escolar implica reconhecer como a escola, enquanto instituição social, reproduz os padrões da sociedade a qual se insere. Dessa forma, a escola, mesmo com intenções de transformação social, de espaço pedagógico para o reaprendizado de padrões de convivência social, para além dos conteúdos, configura-se também como espaço de reprodução de desigualdades de gênero. Reconhecer isso é conduzi-la a repensar suas práticas para cumprir os discursos a que se propõe.

Para bel hooks, a educação deve ser orientada para a prática da liberdade e, para que isso ocorra, é necessário ensinar a transgredir regras e padrões que aprisionam seres humanos em marcadores sociais desiguais e excludentes. Educar para a prática da liberdade é impulsionar as capacidades críticas e analíticas dos e das estudantes para se tornar mais inclusiva e transformadora. Reunir aqui, neste artigo as percepções dos e das estudantes sobre equidade de gênero reflete esta proposta de uma educação para a prática da liberdade a partir dos sujeitos



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

que são o próprio público da escola, para quem ela se destina e existe. Para a autora, existe uma “diferença entre a educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (hooks, 2024, p. 4), em sua prática educacional propõe “um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade” (hooks, 2024, p. 15). Para ela, “é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes” (*idem*, p. 23).

Em “desigualdades de gênero na escola: relatos de professoras e alunas” Barbosa, Silva e Gomes (2023) mostram preconceitos e desigualdades reproduzidos no cotidiano do ambiente escolar. Na pesquisa que realizaram, foi demonstrado que existe um tratamento diferenciado dos próprios alunos em relação aos professores no que diz respeito ao gênero

a partir da visão das alunas o tratamento que os alunos têm com uma professora mulher é diferente do tratamento com um professor homem (...) ‘elas não têm voz, se uma professora entra na sala e pede silêncio ninguém respeita, mas se um professor homem entra na sala imediatamente todos fazem silêncio’ (...) Essa fala evidencia que mesmo que o cargo seja igualitário em alguns quesitos, principalmente quando se trata de um professor concursado onde ambos os sexos possuem a mesma faixa salarial e direitos trabalhistas, outras questões sociais interferem na sua atuação” (Barbosa; Silva; Gomes, 2023, p. 6)

Os autores apontam que é necessário a continuidade dos estudos sobre a temática para a construção de “estratégias para o combate ao sexismo nas escolas” e que “a luta por espaço e por respeito é constante” (Barbosa; Silva; Gomes, 2023, p. 6).

Em “Desafios da igualdade de gênero no espaço escolar: o papel dos professores na construção de uma educação para a equidade” (2021), Silveira e Richartz apontam sobre como os professores podem atuar na promoção de uma educação para a igualdade de gênero no espaço escolar ao refletirem sobre suas práticas e serem cuidadosos em não reproduzir estereótipos, desnaturalizando as hierarquias de gênero. As autoras compreendem que

o gênero é construído historicamente pelo indivíduo com base nas imposições sociais. É um elemento muitas vezes usado para articular o poder e pode se tornar motivo de desigualdade, classificando e posicionando o mundo a partir das relações entre o que se entende como masculino e feminino (Silveira; Richartz, 2021, p. 4).

Para as autoras, a escola tem um papel de responsabilidade na desnaturalização das hierarquias de gênero, pois é um espaço onde se constroem sujeitos, onde os indivíduos passam boa parte de suas vidas “se desenvolvem, interagem, se informam e constroem os seus



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

conhecimentos” (Silveira; Richartz, 2021, p. 6). O ambiente escolar se construiu historicamente como reprodutor de “estereótipos de gêneros e hierarquias sociais, quando caracterizam meninas de um jeito e meninos de outro”, sendo assim, é imprescindível que a escola se preocupe com essa reprodução de desigualdades de gênero em seu espaço.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de cunho exploratório e qualitativo sobre as percepções das/dos estudantes no que diz respeito à igualdade de gênero na escola e fora dela teve uma coleta de dados organizada por meio de um formulário online na plataforma *google forms* e foi disponibilizada no *google classroom* em todas as 12 turmas cadastradas. Foi aplicado no 4º período letivo do ano de 2024, como mencionado anteriormente, para que os estudantes respondessem de forma voluntária.

O questionário continha 20 questões que abordavam a temática da equidade de gênero na escola numa perspectiva de desconstruir estereótipos e construir possibilidade de um mundo mais justo e igualitário. As questões incluíram inicialmente a caracterização e identificação do perfil dos estudantes e questões que incluíram a observação e reflexão sobre as desigualdades de gênero no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Foram obtidas 29 respostas de 15 estudantes do sexo feminino e 14 do sexo masculino com idades entre 15 e 18 anos pertencentes aos 3 segmentos de séries do ensino médio. Os resultados e a discussão sobre as respostas obtidas serão apresentados na sessão seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o curso técnico e o ano/série, as 29 respostas obtidas tiveram a seguinte caracterização:

Quadro 1 – Distribuição das respostas por curso e ano/série

Curso e ano/série	Respostas
3º Ano Administração	11
1º Ano Eletromecânica	5
2º Ano Eletromecânica	4
2º Ano Desenvolvimento de Sistemas	3
1º Ano Administração	2



3º Ano Desenvolvimento de Sistemas	2
1º Ano Desenvolvimento de Sistemas	2

Fonte: elaboração da autora. 2025.

Agora serão apresentadas as respostas por sessão de perguntas abertas e análise das perguntas de múltipla escolha.

4.1 Quais barreiras você acredita que meninas e mulheres ainda encaram na sociedade brasileira?

Esta pergunta teve como objetivo contextualizar as percepções sobre desigualdade de gênero dos respondentes de forma mais geral na sociedade. Algumas respostas obtidas foram frases curtas ou apenas palavras que expressavam suas compreensões a respeito da temática. Contudo, forma pontuais em explicar diferentes barreiras que são enfrentadas diariamente por meninas e mulheres em nossa sociedade, algumas respostas apresentaram frases simples como: “Submissão aos padrões de corpos e subjetividades impostos socialmente.”; “Violência de gênero.”; “Falta de representatividade.” “Desigualdades nos papéis sociais de gênero no trabalho e na vida privada.”; “Desrespeito em espaços públicos.”; “Invalidação de suas capacidades.”; “Dependência financeira.”; “Sobrecarga de trabalho.” “Estereótipos de fraqueza.”; “Cultura machista.”; “Exclusão.”

Houve também respostas mais elaboradas, com reflexões sobre a temática:

“A mulher, seu corpo e suas subjetividades, uma das muitas barreiras que a mulher vive na sociedade é parecer está muito mais submetida do que homem ao consumo de roupas e outras demais atividades adotadas com a finalidade de se adequar ao padrão do corpo.” (Aluno, 1º ano)

“Os preconceitos de gênero, que acreditam que as mulheres são inferiores aos homens, a criação focada em ser "mulher do lar" e ser submissa as desejos e mandados do marido etc.” (Aluna, 3º ano)

“A falta de oportunidades, o preconceito com mulheres que tentam se inserir em locais "masculinos" e a diferença salarial são as principais na minha opinião.” (Aluna, 3º ano)

4.2 Você admira alguma mulher na sua família ou na sociedade? Por quê? O que ela te traz de positivo?

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Essa pergunta teve por objetivo situar as discussões sobre igualdade de gênero a partir de referências pessoais das/dos estudantes. Para que se reconheçam dentro das estruturas que moldam a sociedade na qual estão inseridos. A partir de representações femininas que façam sentido em suas trajetórias individuais, para o reconhecimento de trajetórias de diferentes mulheres. Para esta pergunta, apenas uma aluna não respondeu. Alguns responderam de forma generalizada, indicando que admiravam todas as mulheres. Alguns não indicaram a mulher a que se referiam, mas apenas indicaram qualidades específicas de alguém. Mas, o ponto de convergência das repostas foram as 16 indicações de que a mulher que admiravam era suas mães, além de outros que responderam que admiravam mulheres de sua família como avó, tias e primas.

Aqui acrescento um relato sobre uma experiência de sala de aula que realizei em uma turma de 1º ano, em março de 2025, dentre as atividades da Semana da Mulher Neilyta, evento que conduzi na escola em que leciono. Uma primeira atividade realizada com a turma apresentou a história do Dia Internacional da Mulher, a importância da luta feminista para as conquistas dos direitos das mulheres ao longo da História e a construção de um mural com mulheres de destaque em diferentes áreas. Em um segundo momento, o objetivo era que as/os estudantes fizessem homenagens às mulheres que inspiram suas vidas, a partir de seus cotidianos. Foi entregue uma folha branca para que fizessem as homenagens por meio de desenhos, poemas, cartas etc. As produções foram realizadas ao som da *playlist* 8M, disponível nas plataformas de *streaming Spotify* e *Brisa Music*, composta por músicas de mulheres que cantam sobre a luta a condição feminina. As produções foram expostas em mural. A maior parte das produções as/os estudantes homenagearam suas mães como mulheres destaque e inspiração em suas trajetórias.

Tanto a indicação da mãe como figura feminina de admiração na maioria das repostas do questionário, como a indicação da mãe como figura feminina a ser homenageada no dia das mulheres traz um indicativo pertinente de como os debates, não só sobre gênero e sexualidade, como também sobre raça e classe precisam ser contextualizados, precisam partir da realidade das/dos estudantes para surtir o efeito pedagógico de que necessitam. Não adianta falar de um feminismo que não contemple as múltiplas realidades, assim como não adianta falar de equidade de gênero apenas para mulheres e, mais ainda, para mulheres que já são feministas.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Os debates precisam ultrapassar os limites de si mesmo, “furar a bolha”, como se diz na expressão popular, ir além e não apenas ser reproduzido em ambientes narcisísticos que já são espelhos e só refletem a si mesmo. Os debates precisam ser realizados em diferentes espaços, mas precisam ser realizados a partir do contexto de cada espaço.

4.3 O que você acha que uma escola de qualidade deveria ter para ter equidade de gênero?

Essa pergunta objetivou fazer com que as/os estudantes percebessem a realidade escolar a qual estavam inseridos de forma crítica, já que ela induz a sua reflexão sobre o que eles acreditam ser equidade de gênero ao mesmo tempo em que são conduzidos a confrontar suas realidades, qual será o nível de equidade de gênero que a escola que frequentam possui? A maior parte das respostas versavam sobre a necessidade de se debater mais sobre o tema em palestras, rodas de conversa, campanhas, projetos e atividades voltadas para o tema.

Diante da exposição nas respostas da necessidade de se ampliar o debate sobre o tema na escola, trago aqui a complementação de um outro relato das minhas experiências como professora de educação básica. Em uma roda de conversa que promovi com uma turma de 3º ano sobre a temática de gênero e sexualidade, uma aluna trouxe o seguinte incômodo: “Não adianta só trazer palestra conscientizando no Dia da Mulher, ou nas outras datas comemorativas, se no resto no ano, ninguém respeita a gente!” (Aluna, 3º ano)

Este incômodo da aluna traz à tona que o problema da falta de equidade de gênero na escola e na sociedade em geral, não é apenas a falta de debate e conhecimento sobre o tema, mas, sobretudo, que grande parte dos debates são conduzidos no ambiente escolar apenas para cumprirem os protocolos legais das datas oficializadas pela Secretaria de Educação, mas que a prática escolar continua reproduzindo estereótipos e exclusões.

As respostas sobre o que uma escola de qualidade deveria ter para ter equidade de gênero incluíram também: “Necessidade de bom senso e respeito entre os indivíduos”; “Capacitação de professores sobre o tema”; “Acesso igualitário aos esportes e outras atividades”; “Necessidade de acolhimento e escuta sem invalidação das falas”; “Diversificação do material didático e do currículo” e “Apoio e incentivo à autonomia feminina”.



4.4 Na escola, existem diferenças de tratamento entre meninas e meninos? Existem comportamentos que são permitidos de forma diferente?

Essa pergunta conduz aos respondentes à reflexão de como vivenciam no cotidiano escolar a desigualdade de gênero. Das 29 respostas, 12 foram negativas, indicando que na escola não há (ou não percebem) tratamento diferenciado entre meninos e meninas. 3 estudantes responderam que não há diferenças de tratamento entre meninos e meninas, mas apresentaram algumas ressalvas, apresentando que há, mas de forma moderada, ou que há apenas em algumas situações. 2 estudantes não responderam. Dentre os que responderam que sim, existem diferenças no tratamento entre meninas e meninos na escola, apontaram: “A presença de um forte pensamento machista.”; “Diferença de tratamento dos comportamentos, aparência e vestimentas.”; “Acesso diferenciado à quadra e às atividades esportivas.”; “Falta de incentivo aos esportes e à ciência para as meninas”, “O assédio”, além de

“O fato de que os meninos são mais ouvidos que as meninas, que alguns professores tendem a concordar mais com os meninos que com as meninas”.
(Aluna, 2º ano)

“Sim [há tratamento diferenciado entre os gêneros], um exemplo é a calça rasgada na qual vários meninos usam e não é dito nada e quando as meninas estão usando, é reclamado.” (Aluna, 3º ano)

“Sim [há tratamento diferenciado entre os gêneros], muitas vezes meninos têm mais liberdade em comparação com as meninas.” (Aluna, 3º ano)

“Não [há tratamento diferenciado entre os gêneros], os dois são tratados de forma igualitária.” (Aluno, 1º ano)

A questão das vestimentas foi algo pontuado em duas dessas falas em que as meninas sentem um tratamento diferenciado. O consenso é o uso da farda que é composta pela camisa da escola, calça jeans ou preta e tênis, segundo consta do regimento escolar. Nem todos os alunos receberam camisa da farda na matrícula, pois o estado nem sempre fornece, segundo o regimento escolar, os que não possuem farda devem usar blusa branca.

Os modelos de calça, adereços e formas de usar a farda configuram-se como forma de afirmação identitária e diferenciação dos e das estudantes diante da homogeneização do fardamento. Essa afirmação identitária e diferenciação nem sempre é acolhida positivamente, quando se trata, sobretudo, das meninas há uma repressão e uma tentativa de controle dos corpos femininos para o enquadramento em um padrão que sexualiza e tenta reprimir e esconder

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

estes corpos. Em outros contextos da escola, as meninas já relataram imposições restritivas quando ao uso de calças tipo *legging*, que marca as formas do corpo por ser um tecido elástico e mais fino e quanto à forma de uso das camisas que algumas meninas utilizam um elástico de prender cabelos para amarrarem a parte de baixo e de trás das blusas, deixando-as mais curtas e coladas.

No livro “mulher, roupa e trabalho: como se vestem as desigualdades de gênero” (2021), Mayra Cotta e Thais Farage apontam que a roupa é também um elemento que afeta de forma diferente homens e mulheres. Para as autoras, a roupa das mulheres é “apontada, comentada, analisada e criticada por todo mundo, o que não ocorre com os homens” (Cotta; Farage, 2021, p. 9-10). Embora no livro as autoras se refiram mais especificamente à roupa no/para o trabalho, as reflexões extrapolam este ambiente para pensarmos as vestimentas e a escolha delas como reafirmação identitária e de pertencimento em diferentes locais, sobretudo no que diz respeito as diferenças imposta aos gêneros

pensar a respeito do que vestir para ir trabalhar constitui um exercício diário de reivindicação do pertencimento, uma vez que a roupa é a expressão material da nossa insistência em ocupar o mundo do trabalho e representa uma prática constante de negociação entre o que nos é imposto e o que de fato queremos (Cotta; Farage, 2021, p. 12)

4.5 Você já deixou de fazer algo na escola ou na vida pelo fato de ser manina/menino? Se sim, o quê?

Esta pergunta intenciona provocar uma reflexão nos respondentes a respeito do lugar que ocupam socialmente em relação à desigualdade de gênero. Para ela, foram obtidas 19 respostas negativas e 2 abstenções. Dentre as respostas positivas, ou seja, em que os respondentes identificam o fator gênero como impeditivo para realização de algo em suas trajetórias tivemos:

“Sim. Deixei de acreditar que seria capaz de conseguir trabalhar na área que queria.” (Aluna, 1º ano)

“Sim. No período menstrual ou o desconforto por ser mulher em tal ambiente que não parece seguro.” (Aluna, 2º ano)

“Sempre fui muito atacado por fazer coisas que deveriam ser básicas entre os dois gêneros que é respeitar o outro e fazer coisas de casa, tipo lavar, limpar etc.” (Aluno, 3º ano)



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

“Sim, andar certas horas da noite e ir para lugares eu quero sozinha.” (Aluna, 3º ano)

“Sim. Fazer coisas que são consideradas ‘masculinas’ como jogar bola.” (Aluna, 3º ano)

A reprodução de papéis sociais de gênero condiciona meninas e mulheres a passarem por diversas situações de violação de suas identidades e liberdades, são silenciadas, desacreditadas e empurradas muitas vezes a desistirem de seus sonhos. De acordo com Simone de Beauvoir, apesar de as mulheres estarem cada vez mais afirmando suas independências “não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” (Beauvoir, 1967, p. 7)

4.6 As estudantes e os estudantes podem ir à escola podem ir à escola com as roupas, penteados e acessórios que escolhem e com os quais se sentem bem sem sofrer constrangimento por parte de colegas ou profissionais da escola?

Esta pergunta era de múltipla escolha e os respondentes poderiam marcar as opções que refletiam o nível de adequação da escola ao questionamento. Apenas 10,3% dos respondentes consideram que a escola está em nível satisfatório para esta questão; 69% dos respondentes consideram que a escola enfrenta esta questão “mais ou menos”; 13,8% consideram que a escola ainda não enfrenta adequadamente esta situação e 6,9% não sabe ou não quiseram responder.

4.7 Adolescentes e jovens com diferentes identidades de gênero e orientações sexuais são tratados de forma igualitária?

Esta pergunta também foi de múltipla escolha onde 41,4% dos respondentes indicaram que esta questão é tratada de forma satisfatória e 41,4% indicaram que esta questão é tratada de forma mais ou menos satisfatória. 1 respondeu que a escola ainda não enfrenta adequadamente esta situação, 3 não souberam ou não quiseram responder e 1 respondeu que a escola enfrenta adequadamente esta situação.

4.8 A escola acolhe e orienta as jovens e os jovens que são vítimas de assédio e violência sexual, discriminação sexista e LGBTfobia e de outras formas de violência de gênero?



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para esta pergunta, 69% dos respondentes indicaram que a escola atende satisfatoriamente à questão, 17,2% indicaram, que a escola enfrenta mais ou menos a questão; 2 estudantes (6,9%) responderam que a escola ainda não atende adequadamente a situação e 2 estudantes não sabem ou não quiseram responder.

4.9 Meninas e meninos têm acesso igual aos espaços da escola, como quadra, pátio, laboratório de informática etc.?

Para esta pergunta, 75,9% dos estudantes indicaram que a escola enfrenta satisfatoriamente esta questão e 24,1% indicaram que a escola enfrenta mais ou menos esta questão.

4.10 A escola estimula igualmente o interesse de moças e rapazes (negros, indígenas, brancos e de outros pertencimentos raciais) pelas diferentes áreas do conhecimento e pelos diferentes campos profissionais?

Para esta pergunta, 89,7% dos estudantes indicaram que a escola enfrenta satisfatoriamente esta questão e 10,3% indicaram que a escola enfrenta mais ou menos esta questão.

4.11 A escola estimula e dá condições para jovens mães e jovens pais continuarem os estudos, evitando que eles parem de estudar?

Para esta pergunta, 58,6% dos estudantes indicaram que a escola enfrenta satisfatoriamente esta questão e 37,9% indicaram que a escola enfrenta mais ou menos esta questão e 1 estudante não soube ou não quis responder.

A última parte do questionário foi um espaço aberto para que os respondentes apresentassem suas percepções sobre o questionário respondido como questões não contempladas, sugestões e/ou elogios e para relatos de experiência etc. 11 estudantes não quiseram acrescentar nada e 1 estudante respondeu que achou o questionário “chato”. 3 estudantes responderam com frases curtas que gostaram do questionário e outras 2 falaram da importância do questionário:

“Questionário de suma importância para saber se as diferenças estão sendo respeitadas no ambiente escolar” (Aluna, 3º ano)



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Muito bom [o questionário], mais a gente reflete um pouco sobre esse assunto, pois as mulheres não são bem visadas como os homens, pois a sociedade pensa que elas não têm capacidade de fazer algo, eles pensam que as mulheres só servem para ser dona de casa.” (Aluna, 1º ano)

Alguns escreveram sobre igualdade de gênero:

A igualdade de gênero é fundamental para que todos possam ter as mesmas oportunidades. Quando conseguimos superar essas barreiras, todos ganham, criando uma sociedade mais justa, onde cada um pode ser quem realmente é e buscar seus sonhos sem medo. (Aluna, 1º ano)

A igualdade de gênero é algo importante para toda a sociedade, assim ela irá alcançar a harmonia desejada por todos. (Aluna, 3º ano)

Acredito que a equidade de gênero seja algo que possa ser alcançado o mais breve possível, que as mulheres possam andar pela rua sem sofrerem assédio ou alguma imoralidade imposta a elas, só queremos que nossos direitos sejam contemplados e respeitados. Outro fator que está sendo bastante repercutido é a PEC que fala sobre a não legalização do aborto em até mesmo nas causas que são legalizadas, onde a mulher, jovem/criança é posta basicamente como “culpada” e é obrigada a viver com um filho fruto de um estupro. Infelizmente o Brasil só retrocede. (Aluna, 3º ano)

Uma aluna escreveu sobre como a escola precisa ser mais acolhedora:

“Deveríamos nos sentir acolhidos na escola como se fosse nossa segunda casa, mas isso não ocorre por ser um ambiente com várias pessoas que não lidam da mesma forma. Uns querendo ser mais que os outros. Isso influencia a desigualdade, não apenas de gênero, mas de direito.” (Aluna, 2º ano)

Outros escreveram sobre a necessidade de ampliar o debate sobre o tema na escola:

“Poderíamos abranger isto [questionário] a projetos não que somente abranjam uma matéria (sociologia), também abrangendo área de linguagens, matemática, área do curso técnico, ciências da natureza etc.” (Aluno, 1º ano)

É essencial que a escola continue a debater esse tipo de problemática, pois não é uma questão que pode ser negligenciada. (Aluna, 3º ano)

Pode ser utilizado para relatar experiências pessoais relacionadas ao tema, apontar questões específicas que não foram abordadas ou sugerir melhorias. É uma oportunidade para destacar perspectivas únicas, levantar dúvidas ou propor soluções que contribuam para um debate mais amplo e inclusivo. (Aluno, 2º ano)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada trouxe os resultados de um questionário sobre equidade de gênero na escola, apresentando as percepções dos e das estudantes, onde eles e elas puderam discorrer em escrita livre sobre algumas questões e marcarem níveis de igualdade/desigualdade



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

de gênero na escola. Os/as estudantes trouxeram reflexões relevantes sobre como as desigualdades de gênero ainda são reproduzidas no espaço escolar e de como impactam apontando críticas e estratégias de minimização dessas desigualdades, em seus cotidianos. Apontaram o desejo de transformação social e de uma escola mais inclusiva e equânime. As respostas dos e das estudantes nos mostram como o debate sobre as desigualdades de gênero é pertinente no espaço escolar para promover o senso crítico dos educandos e no processo de reflexão e de transformação da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Bruna de Oliveira Dias; SILVA, Evelyn Chieli Vasconcelos; GOMES, Izaú Veras. Desigualdade de gênero na escola: relatos de professoras e alunas. In: ENCONTRO NACIONAL DE LICENCIATURAS, 9., 2023. *Anais [...]*. Realize Editora, 2023. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-ix-enalic>. Acesso em: 8 ago. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

COTTA, Mayra; FARAGE, Thais. *Mulher, roupa, trabalho: como se veste a desigualdade de gênero*. São Paulo: Paralela, 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.

SILVEIRA, Rafaela Imaculada da; RICHARTZ, Terezinha. Desafios da igualdade de gênero no espaço escolar: o papel dos professores na construção de uma educação para a equidade. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE GESTÃO, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (SIMGETI), 2021. *Anais [...]*. 2021. ISSN: 2447-7303. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/simgeti2021/433733-desafios-da-igualdade-de-genero-no-espaco-escolar--o-papel-dos-professores-na-construcao-de-uma-educacao-para-a-e>. Acesso em: 12 ago. 2025.

